

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INCLUSIVA: OLHARES SOBRE A AUDIODESCRIÇÃO

AUTORES

**Jaison Marques Luiz¹, Cátia Cilene Diogo Goulart², Kélen Fernanda Muneretto Forner³,
Veronice Camargo da Silva⁴**

¹ Mestrando em Educação e Tecnologia, Instituto Federal Sul-rio-grandense, jaisonmarkss@gmail.com

² Mestranda em Educação, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, katyadiogo1977@gmail.com

³ Acadêmica de Licenciatura em Letras - Português, Universidade Católica de Pelotas, kelen.fornier@gmail.com

⁴ Doutora em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, veronice-silva@uergs.edu.br

Ao falar de inclusão para pessoas com deficiência na contação de histórias, percebe-se a escassez de adaptações prévias com recursos de audiodescrição, pois muitas vezes, os filmes são adequados somente após seu lançamento. Pensando nisso, o Grupo de Pesquisa e Estudos Integrados à Educação: Linguagens e Letramentos questiona sobre a compreensão de uma prática de contação de histórias, na perspectiva da inclusão, pensada para pessoas com deficiência visual. Por conseguinte, a presente pesquisa objetiva identificar como se constitui o processo de elaboração e inclusão da audiodescrição na adaptação de histórias. O percurso metodológico utilizado para o estudo baseia-se em uma pesquisa qualitativa, num primeiro momento bibliográfica e depois descritiva, do tipo estudos descritivos, com a exposição de cada etapa desenvolvida pelos pesquisadores. Todavia, observou-se que a audiodescrição é um recurso que contempla não apenas as pessoas deficientes visuais, mas todas aquelas que sofrem privações pela carente funcionalidade da visão, principalmente, em uma contação de histórias cuja criatividade é essencial para concretizá-la.

Palavras-chave: Audiodescrição; Contação de histórias; Inclusão; Letramentos.

INTRODUÇÃO

Ao falar sobre contação de histórias, sem determinar um referido contexto, a maioria das pessoas inclina-se a fazer conexões diretas com a literatura e o público infantil, no entanto, questiona-se se a prática de contação de histórias ocorre apenas na infância e, ainda, se ela contempla todas as crianças. Tais indagações reflexivas provocam uma pergunta maior: Como a prática de contação de histórias pode ser realmente uma proposta inclusiva?

Nesse viés, a presente pesquisa tem por objetivo identificar como se constitui o processo de construção da audiodescrição na adaptação de histórias, sendo o desafio enfrentado por alguns integrantes do Grupo de Pesquisa e

Estudos Integrados à Educação: Linguagens e Letramentos (GPEIE-LinLe/CNPq), de uma universidade pública, composto por acadêmicos do curso de licenciatura em Pedagogia e Letras e mestrandos de programas de pós-graduação em educação.

101

O grupo de pesquisadores propõe um projeto central de contação de histórias inclusivas e adaptadas com recursos de audiodescrição e Libras que se organiza em subprojetos específicos criados por grupos menores.

A presente pesquisa vislumbra os olhares dos pesquisadores voluntários junto ao subprojeto “Contando diversidades” para a produção de duas histórias inclusivas, referidas aqui como história “A” e história “B”.

A contação de histórias proporciona experiências essenciais à formação humana, para além do letramento escolar, figurando entre práticas de letramentos sociais, as quais “são constitutivas da identidade e da personalidade” das crianças. (STREET, 2006, p.466)

Nesse sentido, são promovidas relações dialógicas que incitam a imaginação, emoções, e criticidade de quem lê ou escuta mediante os processos de “construção de expectativas, frustrações, reconhecimentos e identidades”. (SISTO, 2005, p.22)

As escolhas das histórias e dos recursos também suscitam experiências estimulantes, pois o contador atua em seu ofício, como “aquele que descobriu que brincar com as palavras é prazeroso”. (SISTO, 2005, p.22) Por isso, enquanto prática social, importa a escolha de técnica cuidadosa e comprometida acerca das peculiaridades do público alvo.

O projeto prevê a contação de histórias em vídeos disponibilizados nos canais de mídia do grupo de pesquisa, com livre acesso. Embora, o enfoque inicial da primeira coletânea de vídeos tenha sido o público infantil, o projeto maior visa atender a todas as faixas etárias.

Considerando tanto as temáticas como as estratégias e recursos de leitura, o GPEIE-LinLe problematiza o quanto as releituras criadas podem ser

efetivamente inclusivas. Logo emerge o interesse em investigar o processo de adaptação do recurso da audiodescrição para as histórias do projeto.

A audiodescrição enseja experiências com imagens no caso daqueles que perderam a visão ou acesso a eventos imagéticos, no caso daqueles que nunca tiveram a experiência visual. Para Lima (2011, p.9, *grifo nosso*) “Em ambos os casos, porém, é recurso inclusivo, à medida que permite **participação social** das pessoas com deficiência, com igualdade de oportunidade e condições com seus pares videntes”.

Ao pensar na inclusão dessas pessoas, pelo projeto de contação de histórias, o grupo de pesquisa focaliza a audiodescrição como recurso de acessibilidade comunicacional, permitindo participação social do indivíduo.

Além de expandir a capacidade de compreensão do deficiente visual, o recurso também aproxima e contempla idosos, disléxicos, pessoas com baixa visão, (FREITAS, 2015) entre outros usuários. Portanto, ignorar a amplitude e a não utilização do recurso, ocasiona a exclusão de diferentes grupos.

METODOLOGIA

O percurso metodológico para a construção desse trabalho incorporado ao subprojeto do GPEIE-LinLe, constitui-se colaborativamente, respaldado em concepções de multiletramentos, acessibilidade e diversidade cultural, escolha das temáticas, das histórias e dos recursos de acessibilidade para a contação, bem como reuniões semanais para a organização da produção técnica das histórias inclusivas.

Inicialmente, o grupo realizou uma pesquisa do tipo bibliográfica, visando à compreensão do conceito e da finalidade da audiodescrição no processo de adaptação e acessibilidade. Em seguida, as discussões dos pesquisadores aguçaram a necessidade de solicitar assessoria especializada na área, para garantir a qualidade do recurso na história contada.

A audiodescritora disponibilizou-se participar do projeto, contribuir para a construção da audiodescrição e, posteriormente, disponibilizar o material para uma usuária de audiodescrição, para auxiliar no processo de adaptação das histórias.

103

Desse modo, a pesquisa é qualitativa descritiva, do tipo estudos descritivos:

(...) trata-se do estudo e da descrição das características, propriedades ou relações existentes na comunidade, grupo ou realidade pesquisada. Comumente se incluem nesta modalidade os estudos que visam identificar as representações sociais e o perfil de indivíduos e grupos, como também os estudos que visam identificar estruturas, formas, funções e conteúdos. (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 67)

Assim, estabeleceu-se o roteiro para cada etapa: contextualização dos conceitos envolvidos; o exercício individual da técnica e ajustes das narrativas de audiodescrição discutidas entre o grupo. Após revisão dos materiais com a audiodescritora e a usuária de audiodescrição, foram feitos ajustes finais da contação de histórias, com atenção especial para a audiodescrição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na primeira reunião por videoconferência com o grupo do subprojeto, a audiodescritora apresentou os fundamentos basilares da audiodescrição, suas referências teóricas e algumas experiências pessoais nesse sentido, bem como foi contextualizada quanto aos objetivos do projeto de contação de histórias inclusivas pelo GPEIE-LinLe.

Inicialmente, no interesse de atingir um nível de qualidade do recurso foi idealizado que a profissional elaborasse a audiodescrição para a história. Porém, o processo de adaptação foi um exercício coletivo e criativo, envolvendo esforços de todos para a descrição das imagens.

Na primeira experiência, na adaptação da história “A”, o grupo propenso a descrever o maior número de detalhes possível, descrevia ações e sentimentos

da personagem, explícitos nas imagens. Com o auxílio da tradutora, foi possível perceber que nem sempre a quantidade de detalhes é o que enriquece a adaptação, mas a possibilidade de imaginar e criar o cenário e as ações.

Continuando a adaptação da história “A”, em relação às suas respectivas imagens, a audiodescritora orientou e incentivou o grupo a fazer tentativas individuais de audiodescrição, como forma de exercitar a criatividade individual.

A análise das possibilidades e os ajustes finais de audiodescrição da história “A”, consistiu trabalho colaborativo. Assim sendo, o próximo passo foi repassar o material adaptado para a avaliação da usuária de audiodescrição, a qual deu um retorno positivo sobre as adaptações.

O parecer da usuária instigou e permitiu o grupo legitimar a prática de descrição das imagens, realizada pelo grupo de maneira colaborativa, oportunizando assim, minimizar ruídos de comunicação que possam existir, devido às diferentes percepções de mundo entre pessoas videntes e deficientes visuais.

Após essa primeira experiência, o grupo se sentiu mais confiante para fazer o roteiro com a descrição de cada imagem da história “B”, porém, sem a presença da audiodescritora, que posteriormente recebeu o roteiro para proceder aos ajustes necessários.

A partir dos ajustes apontados, o grupo realizou as edições finais da história e encaminhou para a usuária de audiodescrição, a qual deu um retorno positivo sobre as adaptações realizadas.

Finalizando, a audiodescrição, enquanto tecnologia assistiva (BERSCH, 2008) é um recurso que viabiliza à pessoa com necessidades específicas, expandir e ampliar suas habilidades funcionais, possibilitando a compreensão e o deleite de ouvir histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À vista disso, o presente estudo apresenta o percurso de integrantes de um grupo de pesquisa no processo de inclusão pela audiodescrição na adaptação de histórias, inicialmente para pessoas com deficiência visual. Nesse empenho, foi possível observar a relevância da participação ativa no processo de construção, “junto” ao sujeito, a usuária, e não “para” ele, atingindo assim uma verdadeira inclusão.

Por fim, percebe-se a apropriação do grupo pelo olhar sensível e crítico de cada um, discernindo o que na audiodescrição é realmente essencial para o público-alvo para superar barreiras e propiciar a inclusão social.

105

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: CEDI, v. 21, 2008.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. **A metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

DE LIMA, Francisco José. **Introdução aos estudos do roteiro para áudio-descrição**: sugestões para a construção de um script anotado. Revista brasileira de tradução visual, v. 7, n. 7, 2011.

FREITAS, Leondeniz Candido de. **A audiodescrição sob a perspectiva do usuário**. A audiodescrição sob a perspectiva do usuário, 2015.

SISTO, Celso. **Contando a gente acredita**. SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias, v. 2, 2005.

STREET, Brian; BAGNO, Marcos. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filologia e linguística portuguesa, n. 8, p. 465-488, 2006.